

RESENHA DE LIVRO

“ARMÁRIOS VAZIOS”: DECEPCIONANTE BUSCA DO CAPITAL CULTURAL

Candido Alberto da Costa Gomes¹ 

ERNAUX, Annie. *Les armoires vides*. Paris: Gallimard, 2024.

ERNAUX, Annie. *Os armários vazios*. Tradutora Tânia Ganho. Porto: Porto Ed, 2024.

A narrativa começa com cenas de um aborto. Uma cânula é introduzida para retirar o líquido amniótico. Depois o feto é extraído do útero. Conforme a epígrafe, “guardei falsos tesouros em armários vazios” (p. 7. da edição portuguesa). Quem é a personagem? Denise Mansur é a única filha de um casal de comerciantes, com um estabelecimento dividido em mercearia e café bar. A vida da família se encolhe e se mescla com o fluxo do comércio. A paisagem social é composta, sobretudo, de homens vencidos da vida, inclusive alcoólatras. Fala-se segundo a gramática e a gíria populares, o calão é livre, constituindo um abismo em relação às classes mais favorecidas, à escola e à igreja. A residência se resume a um quarto grande, glacial, sem água corrente. No ambiente masculino e pedófilo, Denise tem uma convivência íntima: senta-se no colo de vários clientes. Quanto aos velhos, “se pudessem, tinham-me apalpado toda, “comida” quando era criança” (p. 14). A princípio uma menina sem limites, tem como melhor amiga a filha de um assíduo frequentador do bar. As brincadeiras eram grosseiras e o sexo logo deixa de ser segredo por exhibições penianas e outras expressões.

Família e vizinhança vivem encapsuladas numa periferia urbana, onde são triviais as cenas de pobreza e doença, aliadas às deficiências de higiene. Os pais poucas vezes saem do seu território, vão à igreja e se sentem intimidados por pessoas de *status* socioeconômico mais alto: logo se colocam no “seu lugar” e nada dizem ou reivindicam. Não são pobres. Os avós de Denise eram camponeses, porém, os seus pais conseguiram instalar e fazer render o estabelecimento, significativa elevação social graças a árduos esforços. A renda, porém, é gasta segundo os padrões culturais da família e da comunidade. Mais não é necessário, nem o melhoramento da higiene ou da casa. Tudo é compatível com o ambiente em que vivem. Casa, loja e pessoas são feias. Denise, restrita ao seu casulo, só conhece aquela fealdade, que se torna para ela a regra, sem poder distinguir o feio do bonito. A família se refugia no seu mundo, a não ser quando vai à igreja. Exceto pelo comércio e o controle das contas dos consumidores, a família não tem expressão ou poder na comunidade. Lembrando Weber (1968), interação três esferas, a econômica, com as classes; a social, com os grupos de *status*, e a distribuição do poder, com os “partidos”. Entre elas, desigualdades e incoerências. Com o dinheiro, sobrevivem com alguma folga, mas a hierarquia de despesas não contempla, mal contempla a higiene.

A certa altura, Denise passa a detestar os pais, os clientes e a loja. Até sete, oito anos de idade é parecida com eles: hoje repugna-lhe (p. 45). Culpa de quem? “... Não nasci com o ódio, não os detestei desde sempre”. O ponto de viragem foi a matrícula da filha única numa escola particular, feminina e católica, ao contrário das colegas da vizinhança. Possivelmente os pais intencionaram que a filha única poderia galgar mais uma etapa da ascensão social: ter no futuro uma ocupação não manual. A escola privada a ensinaria melhor e também lhe ensinaria “bons modos”, pois os pais não tinham como fazê-lo, se bem que reconhecessem a sua relevância. Estranha no ninho das colegas, a escola nada se parecia com o universo da loja paterna. As colegas eram de classe, grupo de *status* e esfera de poder mais altos, as brincadeiras eram “tolas”, a escola e suas famílias, exceto a de Denise, formavam um mundo à parte. Denise parecia falar uma língua estrangeira, em meio a humilhações, vergonha, ojeriza. Na confissão descobre que o diabo reside no seu sexo: era “suja”, enquanto as colegas eram supostamente “limpas”. Todavia,



¹Foi assessor legislativo concursado do Senado Federal, da Assembleia Constituinte e da Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional. Professor universitário no Brasil e em Portugal, é autor de quase 400 publicações acadêmicas, sobretudo na área de educação. candidoacg@gmail.com

Denise descobre custosamente novos padrões culturais, desvela a fealdade da loja e do bairro, aprende a fila na escola, as regras de etiqueta, palavras que são senhas para ingressar em outro ambiente social. Enfim, aprende a jogar o jogo da escola. Na sua inferioridade social, utiliza os estudos e as notas para mostrar a sua superioridade: torna-se a primeira da turma, para realização dos pais. A boa semente caíra em boa terra.

Dos oito aos 12 anos de idade oscila entre um jogo na escola e outro em casa. Contudo, imprensada entre dois mundos, é preciso escolher um deles. Se escolhesse o dos pais, não teria querido ser boa aluna e seguiria a ocupação materna. O ódio ao estabelecimento e seus personagens representam uma ruptura. Na festa da Primeira Comunhão envergonha-se dos modos da família, das colegas de bairro, finge que não as conhece, verifica o silêncio dos pais diante dos professores. Mergulha, então, num labirinto doloroso de contradições, envolvida pela simultaneidade de amor e ódio. Odeia os pais, porém, eles a amam por ser uma boa aluna, era seu orgulho, sonho e esperança de futuro. Davam-lhe tudo, faziam todos os sacrifícios, perguntavam se queria mais um disco, enquanto Denise, na sua marginalidade cultural, já não era mais nem da escola nem de casa. O estudo constituía uma fuga para torná-la diferente: “Por vezes sonho ser órfã” (p. 89). Em contraste, sua escolarização se devia àquele meio detestado. Não fossem os estigmatizados clientes daquele café e daquela mercearia, por mais fracassados na vida, seus pais não teriam renda e não poderiam pagar a sua escola particular. Se ela era assediada por não saber o que dizer e o que fazer na escola, a família sequer poderia imaginar as humilhações, pois eles mesmos eram rebaixados pela sociedade inclusiva. Não tinham capacidade de dizer ou ensinar o que dizer e fazer. O *status* dos clientes os contaminava. Denise precisava ser autodidata.

Cerca dos 16 anos, começa a “caça” aos rapazes. Um deles é o “Belas Artes”. Interessante e culto, filho de um profissional liberal, o contato facilita o acesso à “verdadeira” literatura: Sagan, Camus, Malraux, Sartre, Kafka, Simone de Beauvoir. Já dominava o vocabulário, a gíria dos jovens (Corneille e Mozart não eram úteis para os *flirts*). Já não lhe saía da boca o linguajar da loja, era outro o código linguístico da abstração (Bernstein, 2003). “Belas Artes” propõe-lhe sexo: “Calores, arrebatamentos..., saliva e pele, a minha festa é um corpo de rapaz” (p. 145). A sucessão de encontros deixa os pais preocupados, repreendem-na pelo risco de se desviar dos estudos. Torna-se, enfim, universitária numa faculdade de letras, a primeira da família a chegar lá. Socializa-se como estudante, conforme Coulon (2008). Sente-se superior em tudo, “nem o prazer me mete medo” (p. 145). Odeia ter que visitar os pais uma vez por mês, já envelhecidos, escravos do balcão, queixando-se do rareamento dos clientes. Ela os odeia, as contradições permanecem em erupção.

Em continuidade à sua estratégia de aproximar-se da cultura dominante, conhece um estudante de Direito, falante sobre quase tudo com desembaraço. Fascinada, apaixonou-se pelo seu festim de padrões de gosto, discos e cenáculos intelectuais. Seguindo o divide e domina, Marc a inferioriza, humilha-a para reinar e lhe tirar proveito erótico, no quadro arcaico do patriarcado (Froidevaux-Metterie, 2024). Sabendo-a insegura quanto às origens sociais, ofende-a, critica-a. No fogo da paixão, abandona a objetividade: “Quero ser como ele, ele tem tudo o que me falta” (p. 155). Na tradição do machismo, torna-a sua cativa, ela que pensava ter se elevado acima dos pais. Inferioriza o currículo de Letras como rosa, feminino, ao passo que o de Direito, o dele, é azul, masculino (Baudelot; Establet, 2006). Gosta de chamá-la de camponesa, na verdade, a ocupação dos avós. A armadilha se fecha uma noite quando, bêbada, faz sexo com Marc no carro. Assim se repete até engravidar. Aqui a obra retoma, no arco narrativo, o fio deixado no princípio. Passam-se 15 dias para ele, indiferente, abrir a sua carta em outro país, comunicando a gravidez. Marc volta à França alheio, frio, egoísta e irresponsável. Aproveita ainda o último encontro para usufruir de prazeres eróticos com Denise e viaja na semana seguinte para outro continente, como se ela fosse nada. Eis que se dissipa o encanto do “príncipe”, que nem chegava a ser um sapo: “Um merdolas de luxo, chapéu de chuva preto, carteira de couro e gravata que parecia uma velha tapeçaria” (p. 151). Como muitas vezes, o sexo era expressão de desamor e exploração na sua ace masculina, e de submissão e autodesprezo, na face feminina.

Vem o trágico processo do aborto, pago com o dinheiro dos pais, sem que eles saibam. A mulher objetificada esvazia o útero, sente-se suja como na escola e em casa, desiludida, ante as pessoas e a cultura tão valorizada que acumulara com tanto gosto. Os armários estão vazios (Cotille-Foley, 1999).

A corajosa auto-sócio-biografia de Ernaux (Sánchez-Fernández, 2017), laureada com o Prêmio Nobel de 2022, é um candente documento sobre as barreiras para o sucesso escolar e a mobilidade social. A literatura, num caso singular, encarna vividamente as teorias da reprodução. O processo de socialização não é apenas cognitivo, num mundo inteiramente racional, como na distopia de Alphaville (1965), filme dirigido por Goddard sobre uma cidade futurista, dominada por um computador que abolira os sentimentos. Ao contrário da racionalidade do

Iluminismo, a escola implica toda uma tessitura afetiva, social, econômica e cultural. O direito à educação pode ser declarado igual para todos, todavia, a estratificação social e a escola são compartimentadas. Bourdieu e Passeron (2014) traçaram um triângulo composto pelo capital econômico, social e cultural (neste hoje incluído o capital digital). Com os vértices interdependentes, o capital econômico pode facilitar o acesso ao capital social e cultural. O social é a rede de interações com pessoas e grupos, capaz de veicular o capital cultural compatível e facilitar a aquisição do capital econômico. Na perspectiva weberiana de estratificação social, a escalada de Denise e dos Lesur é extremamente árdua. O uso da renda para executar o plano de mais uma etapa da mobilidade social implica um doloroso complexo de sofrimentos e contradições: preconceitos, assédio no universo diferente da escola, contradições de amor e ódio, ilusões, escravização, estranhamento, dualidades, caminhos que vão da suposta superioridade aos tombos na vida e ao esvaziamento do corpo e seus armários, onde por tantos anos acumulara a cultura erudita. Esses contrastes e labirintos evidenciam motivos não tão patentes para o abandono, a evasão, a interrupção dos estudos por grande número de alunos. A escolarização e o elevador social, cada vez mais apinhado, apresentam barreiras pouco visíveis que envolvem múltiplos sofrimentos, enfrentados com resiliência. O capital cultural, não determinado unilateralmente pelo capital econômico, permite alcançar esse último e ampliá-lo, faz germinar estrangeiros sociológicos (Simmel, 2012) dentro da sua própria sociedade inclusiva. Essa corrida de obstáculos se traduz em profundos sofrimentos biográficos, em que se contrapõem as forças centrífugas e centrípetas, em várias rodadas de luta e dor.

Não por acaso as teorias da reprodução emergiram na França. Entre os dramas educacionais narrados, um é similar ao de Denise. Trata-se do filme “Stella” (2008), ousada obra autobiográfica de Sylvie Verheyde. Também na periferia urbana, Stella vive num bar e hospedaria também para os vencidos da vida, pessoas vítimas e autoras de violência. No início do colegial, os pais lhe conseguem vaga num seletivo estabelecimento de Paris, cuja educação evitasse o seu provável destino de garçonzete. Estranha no “collège”, não entendia as palavras e quase nada lhe fazia sentido. Também as meninas são limpas e bonitas, até que, como vingança, Stella pratica violência física contra uma delas. Quase expulsa, se esforça para ser aprovada naquele ano, contra as expectativas. Então, duas estrangeiras sociológicas se encontram: Stella e Gladys. Esta, filha de refugiados políticos argentinos, possui capital cultural, ainda que deslocada. É a amiga Gladys que se torna a mediadora cultural de Stella: passa a interessar-se pela cultura, descobre a literatura francesa, adquire novos costumes. Antes, porém, sofre o estupro de um hóspede dos seus pais, que busca o seu ponto vulnerável, a baixa autoestima. Cala-se por medo que o pai praticasse um homicídio. Em contraste às trevas, o final feliz vem com Gladys, representante da turma, comunicando que Stella havia sido aprovada.

Neste contexto cabe salientar o papel da linguagem como expressão de culturas e subculturas. Bernstein (2003) distinguiu hipoteticamente dois códigos linguísticos: um, o justaposto (*collection type*), com estruturas rígidas e formas fechadas de classificação, ao passo que o tipo integrado (*integrated type*) mantém estrutura flexível e menor rigidez na fronteira entre os conteúdos. Também neste último professores e alunos têm maior grau de influência no currículo. É na esfera de poderes das esferas simbólicas e seus significados que em grande parte se decidem as contradições, as estranhezas, as migrações entre grupos sociais, a violência física e simbólica e a aprendizagem da convivência. Portanto, o valor das notas oculta um intrincado universo de valores, ideias, sentimentos, atitudes e comportamentos, de modo que o insucesso escolar se decide caso a caso e requer abordagens abrangentes.

Referências

- BAUDELOT, Christian; ESTABLET, Roger. *Allez les filles! Une révolution silencieuse*. Paris, Éditions du Seuil, 2006.
- BERNSTEIN, Basil. *Class, codes and control*. v. 3. Towards a theory of educational transmissions. Londres, Routledge, 2003.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Paul. *A reprodução: Elementos para uma teoria dos sistemas de ensino*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COTILLE-FOLEY, Nora. Abortion and contamination of the social order in Annie Ernaux's *Les Armoires vides*. *The French Review*, v. 72, n. 5, p. 886-896, 1999. Disponível em:

https://www.academia.edu/download/41751127/AbortionAndContamination_CottilleFoley.pdf

COULON, Alain. *A condição de estudante: A entrada na vida universitária*. Salvador: Edições da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FROIDEVAUX-MET T ERIE, Camille. *Patriarcat: La fin d'un monde*. Paris: Éditions du Seuil Libelle, 2024.

SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, Ángeles. L'auto-socio-biographie d'Annie Ernaux, un genre à l'écart. *Anales de Filología Francesa*, v. 25, p.187-205, 2017. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesff/article/download/315871/222891>

SIMMEL, Georg. *El extranjero: Sociología del extraño*. Madri: Sequitur, 2012.

WEBER, Max. *Economy and society: An outline of interpretive sociology*. Nova Iorque: Bedminster, 1968.

Recebido em: 02/01/2025

Aprovado em: 15/01/2025